

# Três exposições em Paris

226

Dir-se-á, para prestígio das artes e da moda, que todos os caminhos levam a Paris. A cidade exerce a sua influência no lançar de uma empresa, seja de costureiro ou de galeria de arte, a qualidade emparelha com a *camelote*, a originalidade com a imitação, a criação com o cabotinismo... Tudo tem ambiente, e até tudo parece estar certo. Na realidade, a atracção exerce-se sobre os estudiosos, os afortunados, o escol e o grande publico, sem justificar critérios ou discutir valores absolutos.

As exposições não fogem à regra, e vem a propósito falar daquelas que nos proporcionou este ano, a prolongada quadra estival: a III Bienal, a Escola de Paris e o Salão de Outono. Cada uma delas merece longa digressão e comentário, mas esta crónica limitar-se-á a costear os seus programas.

A Bienal é uma ambiciosa realização que entrou agora na sua terceira prova. Propõe-se «oferecer aos artistas de todos os países, dos 20 aos 35 anos, a ocasião de apresentar e confrontar os seus trabalhos». Cada país é responsável pela selecção que apresenta, e naturalmente a escolha oficial pode criar limitações. Mas, com raras excepções, pode dizer-se que a exposição corresponde aos objectivos do regulamento, que a preconiza largamente aberta às iniciativas mais diversas. Há aqui decerto muito que aprender, na audácia de certas realizações, quanto mais não seja, pela afirmação das inquietações da juventude na exploração de caminhos futuros. A representação da França é escolhida separadamente, parte por um júri de jovens críticos, parte por um júri de jovens artistas, e outra parte pelo próprio conselho da Bienal. Os trabalhos de colaboração, de grupos compostos de arquitectos, pintores e escultores, ou ainda de compositores e engenheiros, têm relevo especial e são das realizações mais monumentais e significativas do certame. A Bienal abrange, ainda, secções de composição musical, de filmes sobre arte e de decoração teatral. Tem um auditório e uma camara de televisão, o que torna ainda mais realizável o seu vasto programa.

Passemos agora à Escola de Paris, realizada anualmente pela Galeria Charpentier. Um critério caprichoso orienta habitualmente uma selecção, que se não pode ter por potencial. Com uma sinceridade, a que só há que tecer louvores, o seu organizador pergunta se as nossas ideias não resultam muitas vezes duma mania fundada numa moda, tanto mais vacillante, que é cega, mais absoluta, mais irreflectida. E explica a sua decisão deste ano para escolher a sua Escola de Paris pedindo a um certo numero de pintores, dos mais velhos e dos mais novos, cada qual de disciplinas diferentes, que designassem e convidassem cada um deles, oito artistas por quem sentissem estima ou afinidade. A Escola de Paris de 1963 não é mais ou melhor caracterizada do que as anteriores, e para o incrédulo das definições, este novo baralhar de cartas, não tem mais alcance ou significado. Todos os anos é convidado um país a fazer-se representar em sala própria, e coube a vez a Israel com uma escola toda modernista.

O Salão de Outono é um canastrão de tradições, que se alberga, isolado a pano branco, na estrutura monumental do *Grand Palais*. Apresenta-o uma sociedade com muitos presidentes, comissões artísticas, membros-honorários, comissões de

honra e de organização. Expõem artistas societários e não societários. A escolha é de uma das comissões artísticas. A quantidade de pintura é tremenda... e o visitante não se liberta deste autêntico choque de massa. Intercaladas na exposição, são feitas exposições retrospectivas, de artistas mortos. Este ano coube a vez a André Lloste, Felix Vallotton e outros já esquecidos. Na sequência das salas, outra exposição ainda: *Homenagem a Paris*, em que o tema urbano foi glosado por pintores e gravadores já celebrados, como Matisse, Marquet, Pascin, Rousseau (douanier), Signac, Lautrec, Utrillo e muitos mais. Aparece também o livro ilustrado, exposto em vitrinas espalhadas pelas salas. As Artes Decorativas e a Arquitectura, não são desprezadas, pelo contrário, começa a afirmar-se

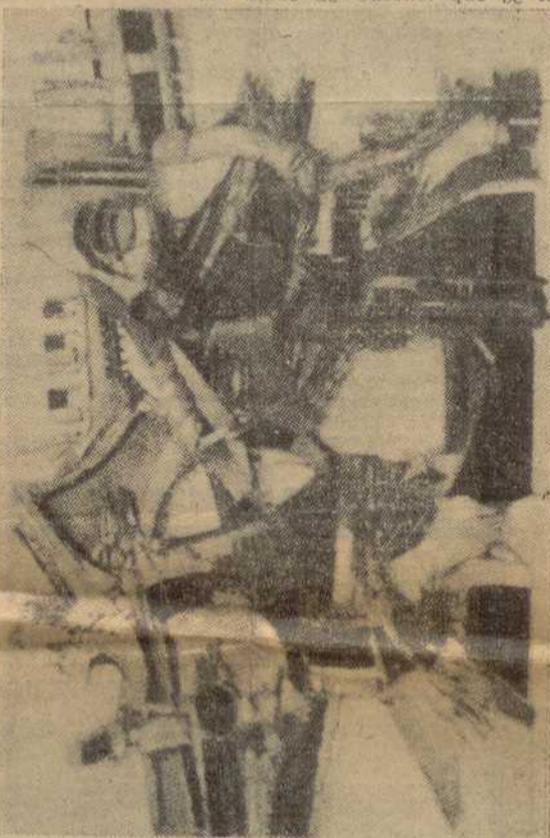


3.ª Bienal — «Mulheres», de Bodini (Itália)



Salão de Outono — «O pintor e o modelo»

nestes certames, o interesse dos artistas decoradores, a colaboração dos arquitectos com os artistas plásticos, também aqui, nos trabalhos de «équipes», demonstrados com a apresentação de realizações e projectos sob a égide de um grupo denominado *Mur Vivant*. Enfim, um Salão de Outono, que se não



Escola de Paris — «Sinfonia de Pássaros», de Constantin Andréou

resume, porque é composto de muitas e variadas exposições à escala da saturação. Se há algo que salienta nesta extraordinária proliferação das artes, que nos revela o Outono parisiense, é a sua vitalidade, não obstante as suas contradições. A escolha de valores não é cumulativa. A quantidade cria uma monotonia que embota a sensibilidade. Mas... o meio é excelente para os encontros da espécie humana em busca de alimento e sensação. E neste ponto, temos, de verdade, uma escola unica! — F. R.